



POÉTICA DINÁSTICA DO TABULEIRO DE CIATA:
SAPIENCIAIS DAS BAIANAS DO ATUAL
CARNAVAL CARIOCA

DYNASTIC POETIC OF THE CIATA BOARD:
SAPIENTIALS OF THE BAIANAS OF THE CURRENT
CARNIVAL CARIOCA

Thiago Acacio de ALMEIDA¹

Milton Reis CUNHA JUNIOR²

Samuel Sampaio ABRANTES³

Lília Fernanda Gutman Tosta Paranhos LANGHI⁴

¹ Bacharel em Publicidade e Propaganda (UNESA), Licenciando em Ciências Sociais (CPII), Pós-graduando em Relações Étnico-Raciais: Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (UCAM). E-mail: contatothiagoacacio@gmail.com

² PhD em História da Arte (EBA/UFRJ), Doutor em Letras (UFRJ), Mestre em Letras (UFRJ), Bacharel em Psicologia (UFPA), MBA em Moda e Indumentária (UNESA). E-mail: miltcunha@gmail.com

³ Graduado em Letras (UERJ), Mestrado em Artes Visuais (UFRJ) e Doutorado em Semiologia (UFRJ), Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: samuellabrantessbr@yahoo.com.br

⁴ Mestre em Letras (UERJ), Pós-graduada em Literatura Brasileira (UERJ), Pós-graduada em Didática do Ensino Superior (UGF), Graduação em Letras (UGF) e em Gestão de Carnaval (UNESA), Gestão Executiva (Coppead/UFRJ). E-mail: lilialanghi@gmail.com





RESUMO

Este trabalho visa contribuir e dar continuidade ao estudo realizado por Almeida e Rocha (2020) e tem por objetivo investigar, por meio da poética da arte carnavalesca, a ancestralidade e a religiosidade das mães baianas do carnaval carioca na atualidade. Elenca-se a necessidade de compreender a relação dessas mães baianas com o sagrado, as heranças que ainda resistem e suas conexões com a história do samba e do carnaval, pretendendo, com isso, demonstrar em que medida elas se mantêm conectadas com suas ancestrais que deram origem ao samba, ao carnaval carioca e a cultura dos Desfiles das Escolas de Samba cariocas. Como principal fonte de informação demos ouvidos às vozes das presidentes de Ala de Baianas Tia Nilda, do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel; Tia Marilene, do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio; Tia Jane Carla, do G.R.E.S. Portela e Tia Sandra, do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti.

PALAVRAS-CHAVES

Baianas; Carnaval; Escola de Samba; Resistência.

ABSTRACT

This work aims to contribute and continue the study carried out by Almeida and Rocha (2020) and aims to investigate, through the poetics of carnival art, the ancestry and religiosity of the *Mães-Baianas* of the Rio carnival today. The need to understand the relationship of these *Mães-Baianas* with the sacred is highlighted, the inheritances that still resist and their conformity with the history of samba and carnival, intending, with this, illustrated





to what extent they remain connected with their ancestors who they gave rise to samba, carnival in Rio and the culture of the Parades of the Samba Schools in Rio. As the main source of information, we listened to the voices of the wing presidents of Baianas Tia Nilda, from G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel; Tia Marilene, from G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio; Tia Jane Carla of G.R.E.S. Portela and Tia Sandra, from G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti.

KEYWORDS

Baianas; Carnival; Samba school; Resistance.

INTRODUÇÃO

Por meio da poética, buscamos investigar os saberes (costumes, trajes, religiosidade, sacralidade, matriarcado) que perduram até hoje na dinastia das herdeiras de Ciata, as mães baianas. Seuil (1968) apud Todorov (2006, p.12) diz: “Enquanto a linguística é a ciência da língua, a poética pretende tornar-se a ciência do discurso”; “o objeto da poética é a literaridade; seu método, as leis que governam o próprio discurso”. Se a poética é o estudo da estrutura da narrativa, a poética no desfile de escola de samba se ocupa dos escritos que estruturam o desfile.

A poética auxilia na sistematização e entendimento da coisa como um todo enquanto a crítica observa um caso em específico. O que este estudo busca é compreender as linhas gerais da sabedoria que está presente numa linhagem das mães baianas, não queremos entender uma, mas sim o grupo.

Que lugar é esse que a baiana ocupa na cultura carnavalesca e na escola de samba? Almeida e Andrade (2020, p.73) afirmam que “as Mães





Baianas possuem um papel significativo nesse rito em que se fundamenta a cultura do carnaval carioca. Elas representam o elo com o sagrado, visto que são elas que cuidam de todo o ‘axé’ de uma escola de samba”.

Hoje, devido às transformações ocorridas no carnaval e nos desfiles das escolas de samba, o significado que essas mães baianas de hoje têm nesse cenário tende a apresentar mudanças também. Mas, o que perdura nessa dinastia? O que fica de significado, de sapiência?

Ser baiana, de acordo com Almeida e Andrade (2020, p.74) é algo que não se dissocia da vida fora do contexto social escola de samba, “Elas não fazem distinção entre a fantasia do carnaval e sua vida cotidiana”, ser baiana diz sobre “a forma com a qual cada uma delas está no mundo (...) Cada traço, adquirido com a idade; representa uma história de luta, de superação, de resistência”.

Com seus corpos, muita das vezes, possuidores de uma fragilidade singular, as Mães Baianas cobertas por suas pesadas fantasias, se dispõem a assumir a responsabilidade que as Escolas de Samba depositam sobre si. Deste modo, instrumentam-se, revestem-se e deixam-se embalar pelos sambas de enredo. O corpo das Mães Baianas carrega muito mais do que simplesmente uma indumentária pesada, cheia de parafernálias. Esse corpo carrega significado, guarda memória, guarda o sagrado (ALMEIDA; ANDRADE, 2020, p. 74).

1. A DINASTIA

Velloso (1990), nos conta que, com a *Abolição* dos escravos, o fluxo de imigrantes baianos na cidade do Rio de Janeiro aumentou consideravelmente devido a busca desses indivíduos por melhor qualidade de vida. A cidade,





que já abrigava povos baianos exprimia um certo ar de familiaridade para esses novos baianos que chegavam. E, a partir da chegada destes grupos que foram ocupando as áreas do centro da cidade, foram se constituindo espaços de aglutinação cultural como a *Gamboa*, *Saúde* e *Santo Cristo*, lugares que foram identificados com a identidade cultural destes povos.

Na década de 1920, ainda segundo o autor, chegava no Rio de Janeiro, estabelecendo-se nos arredores do bairro de Santo Cristo, a família de Meninazinha de Oxum, a ialorixá do Ilê Omolu e Oxum. Sua avó passou a ser conhecida pelos moradores do local como Tia Davina e sua residência logo se transformou em um reduto de baianos. Seu avô passou a ser conhecido como cônsul baiano, devido à grande procura dos recém-chegados por ele a fim de descobrirem onde se localizava a famosa casa da Tia Davina, que passou a funcionar como local de referência e de contatos para essas pessoas que chegavam buscando ajuda e integração com os seus conterrâneos nesta cidade grande.

Foi na *Pedra do Sal*, localizada no bairro da *Saúde*, um dos lugares de aglutinação cultural do povo baiano, que surgiu, segundo Velloso (1990), o primeiro rancho carioca de que se tem conhecimento, o *Rancho das Sereias*, majoritariamente formado por baianos. Seu nascimento se deu na casa de tia Sadata, local que era uma espécie de passagem obrigatória para os recém-chegados à cidade.

Tia Sadata, segundo Velloso (1990), era uma figura muito importante por constituir uma imagem acolhedora, visto que, em sua casa, quando chegavam, os baianos encontravam o apoio necessário para enfrentar a luta pela sobrevivência nesta cidade que lhes era hostil. Esse hábito criou uma espécie de rede de solidariedade grupal que deu origem a fortes vínculos entre essas pessoas de maneira a reforçar sua cultura desenvolvendo expressões culturais próprias





que destoavam do restante da cidade. No entorno, no bairro da Saúde, se estabeleceram diversas famílias de baianos trazendo seus hábitos e costumes.

Segundo Velloso (1990), o Bota Abaixo, como ficou conhecida uma das ações do projeto de Pereira Passos, teve como uma das principais áreas atingidas, a zona portuária e suas imediações, justamente o trecho em que viviam estes baianos. Devido a isto, a grande maioria desloca-se para a Cidade Nova, na avenida Presidente Vargas, reutilizando os casarões construídos pela burguesia de meados do século anterior em habitações coletivas, que passaram a ser conhecidas como cortiços. “É nas imediações das ruas Visconde de Itaúna, Senador Eusébio, Marquês de Sapucaí e Barão de São Félix e do largo de São Francisco que se instala a “baianada”, como o próprio grupo se autodenominava”.

A reforma de Pereira Passos não foi o único momento de batalha enfrentada pelos baianos, houve momentos em que era necessário unirem-se para conseguirem resistir, com isso criou-se uma forte rede informal de lealdade que os unia nos momentos decisivos. Esse espírito de força e união, gerando uma energia participativa, teve também um forte impacto cultural, visto que a partir deste laço criaram-se diversas organizações próprias como ranchos, cordões, terreiros, etc., criando assim, uma rede de relações e de resistência cultural, tornando-se uma ferramenta da reconstrução da memória coletiva sobre sua cultura.

Essas mulheres baianas possuem uma posição de liderança que lhes foi atribuída. Esse papel tem toda uma fundamentação histórica que explica como se construiu essa imagem. Um dos motivos que constituem essa posição é o fato dessas baianas carregarem consigo um significado maternal, tendo em vista a forma com a qual eram tratadas enquanto escravas, tendo que





servir como instrumento de reprodução de modo a atender as demandas de mão de obra dos homens brancos que regulavam seu ventre como se fossem máquinas de fazer mão de obra (VELLOSO, 1990).

Além de serem mães solitárias de filhos que muitas vezes lhes eram impostos, a mulher baiana daquele tempo era obrigada a se desdobrar em diversos trabalhos informais para garantir o sustento de seus filhos, dentre esses trabalhos há o serviço de culinária, doméstico, entre outros. Uma curiosidade é que as mulheres baianas tinham maiores oportunidades de trabalho do que os homens, também baianos, nessa época. Sabendo que na maioria das vezes a figura do pai era desconhecida, cabia a mãe as maiores responsabilidades e encargos (VELLOSO, 1990).

Segundo Velloso (1990), devido a essa ausência da figura masculina, muitas dessas mulheres buscavam o apoio da presença de um homem, que normalmente, devido suas dificuldades de conseguir se alocar em um trabalho, era desprovido de bens. Esses homens por sua vez, trocavam esse apoio pelo seu sustento. Deste modo, continuava cabendo à mulher as decisões e esforços mais relevantes. É claro que esse não era o modelo de família hegemônico na cidade, esse formato se restringia a essa parcela da população que estava à margem do cenário social. O que também não quer dizer que eles rejeitavam completamente os padrões impostos pela sociedade naqueles tempos. “A tia Ciata, por exemplo, conseguiria assegurar a respeitabilidade de sua casa, adotando certos padrões comportamentais. Graças ao marido, que era funcionário da polícia, ela conseguiria estabelecer uma rede de contatos com outros segmentos da sociedade” (VELLOSO, 1990, p6).

Segundo Velloso (1990), era tradição que as mulheres baianas se reunissem em seus *cantos*, lugares onde estavam juntas diariamente para





trabalhar, desenvolvendo, assim, trabalhos como: comércio de doces e salgados, costura e aluguel de roupas carnavalescas, entre outros. O autor afirma ainda que esses cantos também acabavam por se transformar em locais de encontro que propiciavam diversas conversas e a prática de ajuda mútua, de modo a criarem e reforçarem laços familiares, mesmo que não consanguíneos.

Tal convivência, segundo Velloso (1990) dava origem a uma certa rede de intercâmbio onde o aprendizado passava através do *boca a boca*. Para fazer parte desta rede era condição essencial ser conterrâneo. Essas casas, ou *canto*, exerciam papel de resistência da cultura africana, tendo em vista a forma com a qual se davam as relações nesses espaços. Lá reuniam-se esforços, eram divididas tarefas, onde as pessoas socializavam com seus conterrâneos e onde reuniam-se fragmentos dessa cultura que constantemente se via ameaçada. Nesta rede criada pela proximidade e pela necessidade, nos cortiços, havia o revezamento nos cuidados com crianças menores para que as mulheres pudessem sair e seguir a rotina de afazeres e outras obrigações, fazendo com que houvesse, na vida cotidiana, a criação de uma intrincada rede de tias, mães, filhas, madrinhas, para além da relação estabelecida pela religião, pela proximidade, pelo lugar de origem. E, no carnaval, a prole ia acompanhar as mães e tias baianas para a venda nas ruas do Centro, passando a noite nas calçadas, sob o olhar dessa mesma rede, observando e participando da festa, de alguma forma.

Ao estreitar as relações nesses ambientes, acabava-se por ampliar a família nuclear, surgindo, assim, o que Velloso (1990) chama de *grande família*. Nesse modelo de instituições familiares a autoridade deixava de ser papel centrado na figura dos pais, tornando algo de menos importância a existência de laços consanguíneos, passando a ter maior relevância a





admiração, o carinho, respeito e o prestígio que essas pessoas tinham para com as figuras que tinham posição de liderança, que comumente eram figuras femininas. As mães, avós, madrinhas e tias, que na maioria das vezes eram consideradas assim pelo afeto e não pelo laço biológico, eram quem desenvolviam papel de chefe da família (VELLOSO, 1990).

Desta maneira, o parentesco passa a ter diferentes significados no contexto social, estando muito ligado a ideia de solidariedade. A maior parte dos parentes, nesse cenário, são ligados por laços de afetividade e vivência. Torna-se muito comum que mulheres assumam papel de mãe, mesmo que, do ponto de vista biológico, não sejam.

Velloso (1990) apresenta que haviam diversas casas em que essas grandes famílias se reuniam, onde também havia sempre festas, com bailes e até atividades religiosas, onde se sambava e se divertia, namoravam, casavam e se amigavam. Dentre essas casas, as principais são de Perciliana, mãe de João da Baiana, de Amélia do Aragão, mãe do Donga e a da tia Ciata.

O candomblé, que segundo Velloso (1990), é um dos herdeiros do sistema de filiação étnica, é uma das vias pelas quais as *grandes famílias* eram constituídas. Os membros dos mesmos *centros*, ou *casas de santo*, pertenciam à mesma família: a família de santo. Essas casas das tias, que reunia os baianos, era um espaço de reunião desses povos que enfrentavam diariamente uma realidade na cidade em que não se viam pertencentes do imaginário urbano. Nestes espaços eles estavam em casa, em família (VELLOSO, 1990).

Tia Tomásia e tia Fé, verdadeiras chefes de uma dessas grandes famílias, reuniam em suas casas atividades como candomblé, samba, culinária e seus próprios blocos carnavalescos com os quais elas saíam para as ruas com seus filhos de santo e elas indo à frente sempre vestidas de baianas.





Esses terreiros eram um elemento centralizador de eventos e atividades, visto que em função dele se articulavam festas, encontros, reuniões e confraternização (VELLOSO, 1990)

Era na casa da baiana tia Bibiana, no início do século XX, que, segundo Velloso (1990), se realizavam os concursos dos primeiros ranchos. Misturando, desde já, o sagrado e o profano, já que estes ranchos ainda estavam ligados de tal forma com suas raízes que não dissociavam do elemento religioso. Assim, os desfiles aconteciam diante dos presépios. Já mais tarde, quando os ranchos perderam essa conotação religiosa ganhando as ruas, foi mantida esta tradição de reverenciar as tias, em pedido de proteção e benção antes de sair pra folia.

O autor afirma que Tia Ciata, muitas vezes citada nesta pesquisa, também dessas que reunia música, dança, culinária e religião em sua casa. Fazia de seu terreiro um lugar de encontros, cura, conversas, criatividade e trabalho. Tanto, que em um desses eventos, como já foi contado aqui, foi composto o primeiro samba da história a ser gravado. Além disso, o candomblé e o jogo de búzios começaram, nesta época, a ganhar certo fascínio pela alta sociedade.

Através do samba, do carnaval e da culinária a cultura negra foi ganhando espaços no cenário social, fazendo com que fossem mais aceitos na cidade. Os códigos culturais começaram a se entrecruzar, mesmo que de maneira precária. Tendo, geralmente, as casas das tias baianas como sendo o centro irradiador dessas culturas (VELLOSO, 1990).

Segundo Donato (2007), o carnaval carioca, adquiriu, com o tempo, a particularidade, em vista dos festejos de outras cidades, de ser inteiramente ligado a cultura do samba e aos ritos que a originaram. Para a autora, o samba, que foi originado por meio da cultura africana em um terreiro de





candomblé, na casa de tia *Ciata*, não pode ser limitado apenas a ser visto como um estilo musical simplesmente. Pelo contrário, é necessário que o enxerguemos o conjunto de ações que o define, considerando que estamos falando de um movimento que nasceu por meio dos ritos religiosos e que foi preservado, segundo a autora, “graças à manutenção de uma dinâmica que é própria dos rituais de fé exercitados pelos negros africanos e seus descendentes no Brasil, nos terreiros de candomblé” (DONATO, 2007, p.166),

A saída do samba de dentro dos terreiros para tomar conta do carnaval carioca, é a progressão da dança de acordo com o ritmo do Samba que está sendo executado e com a cadência mantida pela Bateria, mais precisamente as Escolas de Samba, segundo Donato (2007), faz parte de uma associação de fatores determinantes. Ela destaca: “as mudanças geográficas que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, a abolição da escravidão, as sucessivas mudanças dos ciclos econômicos, do açúcar, do ouro, e do café, a proclamação da República e a Revolução” (DONATO, 2007, p.166). Para ela, estes foram alguns dos fatores que contribuíram, de maneira considerável, mesmo que de modo intencional, para que a cultura *negro-brasileira* criasse um instrumento de resistência e sobrevivesse às adversidades *sócio-econômico-político-culturais* impostas a ela, utilizando-se de suas habilidades e práticas musicais como instrumento. (DONATO, 2007)

A cultura do carnaval no Brasil, diferentemente de como foi na Europa, conseguiu se manter, devido a essas mudanças citadas por Donato (2007), assim como algumas outras, que foram determinantes para a formação cultural brasileira. Quando se uniu aos festejos carnavalescos, segundo a autora, o samba, reconfigurou suas formas no Rio de Janeiro. Ele se sobrepôs a muitas manifestações já existentes e acabou por se tornar sinônimo





de carnaval, dando uma característica de hibridismo às comemorações populares. A cidade assistiu aos costumes negros ocupando lugares antes ocupados apenas pela cultura branca e chegando a se sobrepôr, tornando-se da cultura carioca e brasileira aos olhos do mundo.

Donato (2007) afirma que as Escolas de Samba carregam consigo, ainda hoje, fundamentos da cultura africana onde nasceu, fruto das relações com o sagrado e a fé, o samba. Muito mais do que simplesmente folia, uma *festa da carne*, o espetáculo do carnaval se configura num grande ritual que segundo a autora são fragmentos repletos de vivência que são capazes de revelar as marcas e as diferentes identidades. O samba, ainda hoje, enquanto cultura, mantém uma relação inseparável com os rituais sagrados herdados dos povos africanos.

As baianas carregam consigo os elementos fundamentais para a relação do carnaval com o sagrado, “pois preservam, em suas estruturas, a essência do complexo civilizatório do negro brasileiro, configurando-se, dentro do fenômeno carnavalesco, em corpos cujos fala e silêncio contêm uma pluralidade somente possível de ser lida no lançar-se ao entre-texto” (DONATO, 2007, p.14).

Donato (2007), em meio a questionamentos, acaba por proferir afirmações que acidentalmente sintetizam o verdadeiro significado das *Mães Baianas*. Para ela, são as eternas mães do carnaval. Segundo a autora, apesar de todas as transformações ocorridas ao longo de décadas, desde que foi oficializada a ala das baianas, essa figura preserva e representa a resistência feminina, daquela que gera, zela, amaldiçoa, alimenta e abençoe os filhos do samba.

Para Donato (2007), a baiana é um Ser escravizado, um Ser religioso, um Ser festivo, um Ser autônomo. Segundo ela, essas baianas, que não são aquelas nascidas na Bahia, foram concebidas no ventre mítico de um povo e trazem tatuadas na pele as marcas de suas histórias. A autora diz, ainda,





que elas são um personagem substancial para a existência da festa e que sua presença lhe garante o bônus merecido, visto que a simples profanação de suas saias pode acarretar graves penalidades ao desfile de uma escola.

A ala das baianas em si não é quesito específico de julgamento, porém, é parte das obrigatoriedades. No Regulamento Carnaval/2020 da LIESA - Liga das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro - vem expresso que é dever ter número mínimo de Baianas agrupadas, 60 (sessenta), no dia do Desfile, 45 (quarenta e cinco) no Desfile das Campeãs, com a ressalva “completamente fantasiadas” e, também, que é dever impedir a presença de pessoas do sexo masculino na Ala de Baianas, exceto Diretores, desde que estes não estejam com a mesma fantasia da Ala em questão.

Assim, como apresenta Pegado (2005), foi em 1916 que nasceu o gênero musical de maior importância para a história do carnaval. Rapidamente se popularizou em pouco tempo se tornou ritmo oficial do período e símbolo da identidade brasileira pelo mundo. No quintal de Tia Ciata floresceu esse gênero musical. A residência que era localizada na Praça Onde, mais precisamente na Rua Visconde de Itaúna, número 117, foi a manjedoura do samba. Neste lugar, as festas, regadas de maxixes, chulas e batuques, as festas iam de sexta-feira a noite até a manhã de segunda-feira. Lá, grandes personagens importantes da música brasileira se faziam presentes: “Pixinguinha, João da Baiana, Donga(considerados a Santíssima Trindade do Samba). Sinhô, Didi da Gracinda, Caninha, João da Mota, Hilário Jovino (o Lalau de Ouro) e o jornalista Mauro de Almeida.” (PEGADO, 2005, p.33).

Em uma dessas festanças na casa de Tia Ciata, em uma parceria de Donga com Mauro de Almeida, nasceu o primeiro samba a ser gravado, intitulado “Pelo Telefone”, Não há um consenso quanto a ser a primeira





composição do gênero. Porém, oficialmente, em registro na Biblioteca Nacional, sob o número 3.295, a música foi legitimada como a primeira da história do samba. Deste modo, surgiu o estilo musical que embalaria definitivamente os festejos carnavalescos da cidade e que representaria a cultura carioca como sendo o símbolo do carnaval, por meio dos desfiles das escolas de samba (PEGADO, 2005).

O samba tomou conta dos morros, espalhando-se rapidamente pela cidade fazendo com que o carnaval, de certa forma se dividisse em três grupos de classes, em meados dos anos 20. E o surgimento das primeiras escolas de samba se dá nesse contexto de criatividade por parte dos foliões. Segundo Pegado (2005), suas estruturas organizacionais eram bem definidas, tendo como base as agremiações carnavalescas anteriores, tinham apoio da imprensa da época e foram embaladas pelo ritmo de sucesso no momento, o samba.

2. SER BAIANA

Da baiana vinda para o Rio de Janeiro, que ganhou as ruas com bolos de massa puba e manjares no tabuleiro, que conviveu com familiares de vizinhos como se fossem seus, celebrou na roda com eles, compartilhou com convidados a casa e o terreiro, muito permanece na Mãe Baiana que hoje integra a Escola de Samba. Ela desfila na Marquês de Sapucaí, comanda as feijoadas que movimentam as quadras em eventos e ensaios, reúnem a comunidade da Escola. Tem na forma de agir algo inerente que resiste à passagem do tempo. É como se tivesse as competências imanescentes que as Mães Baianas trazem consigo para desempenharem o papel de liderança da Ala com tamanha representatividade. Numa analogia ao que as baianas de antes ofereciam em seus tabuleiros, as baianas de hoje oferecem persistência,





fidelidade ao pavilhão, a altivez de sua figura, girando as saias sobrepostas no espaço de uma respeitável ala, uma força usada como referência para o público, para a mídia especializada e para a transmissão oficial do Desfile das Escolas de Samba.

Toda a deferência com que a baiana é tratada pela Escola da qual ela faz parte impacta na sua percepção de pertencimento e isso perpassa pelo discurso das senhoras quando são convidadas a falar sobre o que é o “ser baiana”.

Sobre *ser baiana*, Donato (2007) contribui de maneira que permita que se tenha um melhor entendimento sobre qual o significado desta missão que tantas senhoras se ---propõem a cumprir. Segundo a autora, o questionamento de o que é ser baiana, parte também da inquietude das próprias baianas, que também enfrentam certa dificuldade para responder a essa pergunta.

Ao empenhar-se na busca pela resposta desta pergunta, Donato (2007) logo se depara com uma curiosidade relevante. A autora nota que as *Mães Baianas* das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, não dissociam suas identidades das que assumem quando estão inseridas no contexto social do samba. Esta constatação mostra que há uma peculiaridade do elemento baiana em vista da maioria dos outros que compõem uma escola de samba, pois, contrariando o que se apresenta nesta pesquisa, que o carnaval é a festa do *virar do avesso*, no caso das baianas, não parece haver esse contraste.

A autora afirma, ainda, que essas mulheres vivem a *Mãe Baiana* plenamente, não fazendo distinção entre a fantasia do carnaval e sua vida cotidiana, ou seja, para a maioria delas a fantasia não é algo pertencente das instâncias carnavalescas, mas sim da forma com a qual cada uma delas está no mundo.





Donato (2007), em uma de suas idas a campo, conheceu *Ligia Monteiro*, uma baiana desde os vinte anos de idade. Lígia, ao responder uma pergunta disse que ser baiana é sua vida, é o que satisfaz o seu ego. Ela afirma que quando dança incorpora uma baiana que sai do seu interior, uma baiana que ela adjetiva como poderosa. Segundo a autora, “esse *incorporar* pode ser aqui compreendido como a sua abertura às possibilidades para tornar-se Mãe Baiana em sua dimensão mais ampla. Há, por este relato de experiência, a evidência da transcendência da mãe baiana para a Mãe Baiana” (DONATO, 2007, p.199).

Em uma outra oportunidade, Donato (2007) conheceu uma outra baiana, conhecida como *Regina Baiana*. Ela foi criada em casa de *branco*, educada dentro dos moldes europeus por sua madrinha que era pertencente de classes altas brasileiras. Após ser inserida no samba como baiana, Regina adiciona Baiana ao seu nome, assumindo-se, assim, sua nova posição. Ela modifica seus movimentos sociais e passa a se aceitar como mulher negra e restaura seus vínculos com o subúrbio carioca, onde nasceu.

Regina ao conversar com Donato (2007), diz que depois de muitos anos ela passou a sentir-se de fato uma *Mãe Baiana*. Para ela, ser baiana não é simplesmente chegar numa roda e dizer que é baiana, é muito mais do que isso. Regina afirma que uma *Mãe Baiana* briga pela escola. Segundo ela, muitas mulheres desfilam na ala por oportunismo, visto que as fantasias são gratuitas para esse setor da escola, mas a grande maioria sabe, mesmo que intuitivamente, que esse papel não é um *lugar comum*. Ser baiana, segundo Regina, não se resume a ir para a avenida, vestir aquela *cangalha*, aquela *rouparia* toda e rodar. Ela questiona “Por que dentro de uma Escola de Samba os ‘marginais’ e os mais velhos tomam bênção às baianas?”, a partir daí ela chegou ao entendimento de que ser baiana é algo do que ela poderia se orgulhar.





Com seus corpos, muita das vezes, possuidores de uma fragilidade singular, as Mães Baianas, encobertas com suas pesadas fantasias, se dispõem a assumir a responsabilidade que as Escolas de Samba depositam sobre si. Deste modo, instrumentam-se, revestem-se e deixam-se embalar pelos sambas de enredo.

Donato (2007) afirma que as silhuetas das baianas ao longe revelam imediatamente as particularidades de sua composição. Ela destaca suas saias rodadas, que nem sempre rendadas. A autora observa nos ombros das baianas algo que restou do turbante, “mesmo bastante estilizado, ou mesmo desfigurado” (DONATO, 2007, p.73) que ocupa o espaço aéreo do que ela classifica como sendo uma “gigantesca avenida”. Donato ressalta que “a roupa quase já não resiste mais às mudanças do tempo e desfigura-se, ano após ano, em meio a tanta cangalha; no entanto, por baixo do indumento, almas baianas colocam-se em desfile” (DONATO, 2007, p.73).

As baianas tinham o seu ofício, com a venda de quitutes, doces, acarajé nas ruas da cidade. Retratadas por Debret ou pelo olhar de Rugendas, a tradição transmitida oralmente de geração a geração, suas vestimentas, receitas, o gestual, o modo de portar o tabuleiro onde expunham e carregavam seus produtos tudo o que ficou e era passível de registro para que não se deturpasse ou se perdesse definitivamente foi registrado no Livro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), elevando o Ofício das Baianas do Acarajé a patrimônio imaterial brasileiro, incluídos em suas páginas, também, o modo de fazer e uso de materiais.

No Rio de Janeiro, recentemente, o Decreto no 47245 de 12 de março de 2020, reconhece o significado do ofício para a manutenção da diversidade cultural brasileira e cita a “iminência de descaracterização





que hoje ameaça tais ofícios tradicionais” que motivou a publicação do Documento. O objetivo foi o de legitimar o trabalho das baianas do acarajé e incluí-las no processo de validação de licenciamento a quem usa esse título na comercialização de produtos no Município.

3. AS HERDEIRAS DA ATUALIDADE

Para compreender em que medida as heranças desta poética dinástica de Ciata, a grande matriarca do samba e do carnaval, resistem na atualidade, este trabalho se faz ouvido, para as vozes que representam, hoje, este patriarcado. Conta-se então com a contribuição e com depoimentos emocionados de Tia Nilda, que é presidente da ala de baianas do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, Tia Jane Carla, que preside a ala da G.R.E.S. Portela, Tia Marilene, que lidera as baianas do G.R.E.S. Grande Rio e Tia Sandra, que segue à frente da ala do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti.

3.1. TIA NILDA (MOCIDADE)

Tia Nilda vem de uma família que em que a cultura africana e a relação com o carnaval ajudam a contar a história de sua árvore genealógica. Ela conta que é tataraneta de escravos e neta de Dona Teresa da Silva, uma descendente de escravos que nasceu um ano depois da Lei Áurea, e que foi a primeira da família a seguir a dinastia das baianas, tendo, segundo Tia Nilda, sido amiga de Tia Ciata, a grande matriarca do samba e do carnaval carioca, e desfilado em ranchos, na primeira escola de samba a ser fundada, na antiga Unidos de São Carlos, que hoje é o G.R.E.S. Estácio de Sá e na G.R.E.S. Vizinha Faladeira como baiana. Mas, seus primeiros contatos com o carnaval se deram na companhia de seu pai, nascido no morro de São Carlos, que a levava para os





desfiles das escolas de samba, carregando caixotes de feira para que pudessem subir e assim conseguirem enxergar as escolas passando.

Tia Nilda entrou pra G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel a convite do, já falecido, Mestre Jorjão, em 1979, e nos conta “já entrei com o pé direito, em meu primeiro desfile a escola foi campeã pela primeira vez”. Há 23 anos se tornou presidente da Ala das Baianas, honraria dada por Tia Chica, que foi a primeira baiana da escola. Ela nos conta que foi afastada da ala por um tempo, até que foi convidada a retornar ao seu posto.

Ela nos conta que, através da Mocidade, ela teve oportunidade de conhecer muitos lugares no mundo, tendo podido conhecer “a europa toda”, “no tempo do Dr. Castor de Andrade”, já tendo ido três vezes ao Japão e feito muitos shows em diversos países. Ela exclama: “Eu agradeço a Deus todos os dias por ter posto a Mocidade na minha vida. Eu só tenho boas lembranças! Só posso agradecer por isso tudo!”.

Sob seu comando, as baianas da Mocidade foram diversas vezes premiadas como Melhor Ala de Baianas, dentre os prêmios, Tia Nilda cita Estandarte de Ouro, Sambanet, Matriarcas do Quilombo e Oscar da UFRJ, mas, afirma que o que mais a tocou foi o Estandarte de Ouro de Personalidade do Carnaval que ganhou em 2019. Ela atribui esses prêmios ao desempenho de suas baianas, a quem ela sempre recomenda: “Vamos entrar na avenida com dedicação, com amor, sempre bonitas, bem maquiadas, por que isso tudo influencia. É o capricho!”. Ela afirma que todas as escolas são co-irmãs, mas “quando chega a hora do desfile, é cada um por si”, então “o sangue tem que virar verde e branco!”, enfatiza.

Hoje Tia Nilda não desfila mais à frente da Ala de Baianas. Por conta de dores no joelho, a partir do desfile de 2019 ela passou a desfilhar em um





carro alegórico da escola, ocupando lugar de honra no desfile. Ela nos conta que achou “uma atitude muito respeitosa por parte da escola”, o fato de terem encontrado uma forma de possibilitarem que ela pudesse estar presente no desfile de um jeito mais confortável.

3.2. TIA JANE CARLA (PORTELA)

Tia Jane Carla, é presidente da Ala das Baianas da G.R.E.S. Portela, desde 2005, e integrante da velha guarda show da escola. A relação com a Portela vem desde sua avó e segue por gerações na família, já tendo chegado até suas netas. “Veio da minha avó, que passou para minha mãe, depois veio eu, minha filha, meu filho e já está nas minhas netas (...) minha mãe desfilou grávida de mim, minha história é toda na Portela, nunca saí em outra escola, sempre fui Portela”. Sua história com a ala das baianas vem desde os 3 anos de idade, ela nos conta “Comecei na ala de baianas aos 3 anos. Por que minha mãe era passista e minha madrinha era presidente da ala das baianas e minha babá. Então ela ficava comigo e eu tinha que vir com ela. Eu era mascote. Antigamente chamavam de mascote. Era mascotinha da ala das baianas.” Aos 16 anos ela já assumiu cargo diretoria na ala das baianas, onde ficou até se tornar presidente.

3.3. TIA MARILENE (GRANDE RIO)

Tia Marilene começou no samba antes dos 18 anos, quando foi porta-estandarte em um bloco chamado “Quem quiser pode vir”, que já não existe mais e ficava localizado na Pavuna, bairro carioca. Em seguida passou pela G.R.E.S. Unidos da Ponte, onde ela chegou a querer participar de um concurso de Porta-bandeira, mas ela acabou se acidentando em casa, ensaiando, e não





conseguiu concorrer. Em 1991 ela chegou no G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, buscando uma vaga na ala de baianas, mas foi “barrada”, por causa da idade e acabou ficando sem desfilar. Em 1992, ela conseguiu desfilar, mas ainda numa ala comum, chamada Ala da Amendoeira. No mesmo ano, ela acabou sendo convidada para fazer parte da Harmonia da escola, ficando responsável pela documentação da Ala das Baianas. Em 1994, sua primeira oportunidade de desfilar na Ala das Baianas aconteceu de forma inusitada, ela surgiu junto ao convite para assumir a presidência da Ala, em 1994. Então, sua primeira vez desfilando como baiana na escola já foi ocupando o lugar de presidente. Hoje, Tia Marilene, já não desfila vestindo fantasia de baiana, ela vem à frente da ala com uma roupa mais confortável, mais parecida com a roupa que elas usam em ensaios e apresentação, isso acontece por que o cargo de presidente traz à ela a responsabilidade de cuidar das roupas das baianas desde o momento que chegam, com o caminhão, até o momento que ela recolhe e devolve no final do desfile. Ela é uma das primeiras pessoas a chegar na concentração e uma das últimas a sair na dispersão. Além da sua trajetória na Grande Rio, Tia Marilene está há 30 anos na vice-presidência da ala das baianas do G.R.E.S. Unidos da Vila Rica, que hoje desfila na Intendente Magalhães, sob a presidência da Dona Zuleica.

3.4. TIA SANDRA (PARAÍSO DO TUIUTI)

A trajetória de Tia Sandra com Ala de Baianas, começa em 1998, quando ocupava o cargo de primeira secretária da coordenadora responsável pela Ala de Baianas do G.R.E.S. Porto da Pedra, que acabou sendo acometida por um problema de saúde tendo que se ausentar da ala, indicando-a para assumir seu lugar de liderança da Ala. Seu nome foi levado à direção da





escola e, com o consentimento das baianas, foi submetido a apreciação da escola e ao presidente de honra. Todos aceitaram e Tia Sandra se tornou presidente da Ala de Baianas da escola, onde ficou até 2014. Durante esse período de 1998 a 2014, ela uniu, por diversas vezes, suas baianas com as baianas de outras agremiações cariocas, afim de contribuir para o carnaval destas escolas e para que elas pudessem ter maior visibilidade, sendo assim, ela, e algumas de suas baianas passaram por escolas como G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, G.R.E.S. Unidos da Tijuca, G.R.E.S. São Clemente, G.R.E.S. Unidos de Padre Miguel e G.R.E.S. Império da Tijuca.

Devido alguns problemas com a diretoria do G.R.E.S. Porto da Pedra, Tia Sandra acabou saindo da escola e teve uma curta passagem pelo G.R.E.S. Império da Tijuca, até assumir, em 2015, a responsabilidade de formar a ala de baianas da G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, onde está até hoje como presidente da Ala. Tia Sandra também é responsável pela Ala de Baianas do G.R.E.S. Feitiço do Rio, que desfila no grupo de acesso da Intendente Magalhães, com a ideia de torná-la uma escola grande.

4. O TRAJE TÍPICO DE BAIANA

No discurso das Tias Baianas entrevistadas, registra-se diferença naquilo que elas consideram como “típico” para uma baiana, havendo uma certa flexibilidade em aceitar concessões por adequação ao enredo. Saliente-se o fato de haver citação a mais de um tipo de traje usado pelas senhoras da Ala das Baianas, variando conforme o lugar onde se apresentam e o tipo de evento.

Para Tia Nilda, o que não pode faltar numa roupa típica de baiana hoje é “torço, bastante colar, bastante pulseira, pano da costa, uma bata bem larga, uma saia bem rodada, de renda. Pra ficar, realmente, uma baiana!”.





Quanto ao desfile oficial, Tia Nilda conta “a gente não pode dar palpite porque o carnavalesco já traz o desenho dele, a imaginação dele pra baiana. A gente não pode estar mudando!”. E relata “Olha, eu sou uma pessoa que não dá opinião. Eu olho o desenho, fico quieta, porque foi ele que idealizou, e levo uma baiana para vestir a roupa, pra ver se está pesada, se está boa pra rodar. Mas, essa questão de tirar isso ou aquilo, eu não dou opinião não. Acho que seria até antiético da minha parte fazer isso!”. Nos ensaios técnicos ela diz que as baianas utilizam “uma saia branca, colares, torço na cabeça, chinelinho branco, pra ir pro desfile não oficial”. Sobre os ensaios e eventos, “a gente tem roupa normais aqui: Alaká, que a gente usa na quadra pra dançar, dia de sábado; Roupa de Baiana que a gente veste quando vem outras escolas visitarem”. E conclui dizendo “baiana não pode faltar torço na cabeça, senão não é baiana”.

Tia Marilene defende que uma roupa típica de baiana é caracterizada pelo uso do “torço da cabeça, o colar, a saia rodada com uma boa armação e uma blusa com bastante babado”, para ela, esses elementos não podem faltar. E para ela é importante que não tenha que “carregar ombreira, nada pesado” e justifica “pra pessoa evoluir e dançar bastante, independentemente da idade. Porque a evolução conta muito mais do que você andar com uma roupa pesada. Se você anda com uma roupa de 40 kg e chover, você está perdida no caminho”.

Para Tia Jane, a baiana se caracteriza por “uma roupa bem bonita, rodada, com lindo babado, um belo torço na cabeça ou um arranjo bem bonito, colares, pulseiras e, de preferência, na cor da sua escola de samba.” Segundo ela, “por causa da evolução que o carnaval teve, não tem mais aquela coisa de pano da costa, cordão de bolas (cordões de vidro), saias engomadas, saias





de rendas, nem aqueles tabuleiros que tinha de quindim, de bolo, de flores... Por que agora a baiana, a fantasia, é conforme o enredo. Agora acompanha o enredo. O carnavalesco idealiza, faz o enredo, estuda, e faz a roupa da baiana. Não tem mais aquela baiana tradicional, como antigamente.

Tia Sandra atenta para o esquecimento do uso do pano da costa, que é tradicional na roupa típica de uma baiana, ela diz “Eu acho que ultimamente estão se esquecendo de uma das principais peças da roupa de baiana que é o pano da costa. Dificilmente você vê uma baiana vestida com pano da costa e os tradicionais torços. Eu acho que esses são elementos simbólicos que não podem faltar.”

Tia Jane defende que “o que não pode mudar, e, graças a Deus, ainda não tentaram mexer, é a roda da saia da baiana”. Segundo ela, de acordo com sua experiência na Portela “no começo era saia de goma e minha madrinha, Jurema Araújo dos Santos (cunhada do Paulo da Portela e prima do Natal), foi a primeira a colocar aço na avenida e hoje muita gente usa. Hoje tem saia vazada, saia que acende, como a Portela teve saia de bolo, enfim, vários modelos de saia que o carnavalesco cria com relação ao enredo. Mas, eu acho que nunca vai poder mexer na roda da saia da baiana, na expressão das bulas, nas mangas, porque, sinceramente, o pano das costas a maioria das escolas não usa mais, e acho que só. Porque, infelizmente, tem escola que não tem nem mais colar, já faz a roupa fechada até em cima já com adereço, com enfeite no pescoço, já para não ter. Com relação as batatas, as blusas, tem que ter sempre aquela manga grande, ou fofa, ou larga, manga morcego, porque baiana é expressão de braço, expressão de rosto e de giro, de rodar. Eu acho que isso nunca vai poder mudar. E, graças a Deus, eu acho que nenhuma escola mudou isso até hoje. Acho que isso tem que permanecer pra sempre.”





As observações sobre o uso do pano da costa, dizem respeito a uma tradição e à característica principal de uma baiana. Há alguns estudos que fundamentam o uso dos “Ojás”, o pano da Costa, ou turbante. Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi, Ialorixá do Axé Opô Afonjá, em seu livro *Meu Tempo é Agora*, de 1993, elencou a importância e os usos dos panos de cabeça e de costa. Ela defende a manutenção dos hábitos vestimentares de um terreiro, não apenas na maneira de vestir os Orixás, mas na forma de representação de um Yawô, de uma filha de santo fora do espaço do sagrado (o Terreiro).

A tradição de se vestir uma baiana do Candomblé atravessou mais de um século e tem em suas raízes africanas um elo de afirmação de sua identidade. Ainda que tenha sofrido várias influências e algumas transformações, o Candomblé precisou se adaptar a questões climáticas, sociais, culturais e industriais. A própria roupa das baianas engomadas e rigidamente armadas, sabemos que na África não era assim. É uma influência europeia, das anáguas e crinolinas do final do século XIX. Os africanos tinham uma tendência à vaidade e escolheram estas armações como forma de requinte e luxo para cultuar sua ancestralidade. Mãe Stella, consciente do poder de expansão da cultura africana, defendia a ideia de que “Religião é cultura” e não poderá permanecer estática ou confinada no terreiro, mas faz-se necessário o registro, e a manutenção de hábitos, e principalmente, havia a consciência de uma tradição oral, que se revelou insuficiente em manter viva a tradição. Ela compreendia que o filho de santo (o Olorixá) tem que estudar, precisa dar continuidade à sua escrita, para não ter o dissabor de descerrar o manto de sua própria sentença: ver sucumbir sua cultura e identidade.





A Indumentária no Candomblé não pode estar associada apenas ao luxo e poder econômico da baiana, mas ao trabalho minucioso, do bordado manual, do “Richelieu” e das ações laboriosas de confecção, com a apropriação de estampas adequadas, tecidos naturais, que falam dos elementos da natureza. A arte de confecção da roupa de uma baiana passa a ser uma forma de estímulo de energia positiva e de integração com a força do Axé. Mãe Stella fez uma lista de preceitos relacionados ao compromisso dos filhos de um terreiro e as formas de usos de sua indumentária. Ressaltou que o uso do pano da costa, tem funções distintas em situações diversas. Depende sempre do grau e do tempo do iniciado. Somente as baianas com mais tempo de iniciadas podem usar batas engomadas e mais compridas. As Abiyans, que possuem um grau pré-iniciático (até 7 anos de iniciadas), devem usar poucas anáguas e uma bata mais simples. As formas de amarrar os Ojás, também estão relacionadas às funções dentro da hierarquia. Geralmente o Ojá é uma faixa longa, usada no Candomblé com diversas finalidades, como pano de cabeça (ou turbante), circulando o busto e terminando em um laço ou uma amarração simples feito gravata. Ou estendido sobre os ombros, quando denota que a Yawô está em “serviço”. Tradicionalmente, o “Ojá” era a faixa que as africanas usavam para “rodear” a cintura ou suspender a criança às costas da mãe.

É preciso muita reflexão. Esta é a lição dos tempos. Deixar os registros dessa cultura que ainda sobrevive no Brasil. O brasileiro, mestiço por natureza, precisa ter consciência da contribuição dos africanos, já que a cultura da “Mãe África” preserva muitos mistérios, crenças, ritos, símbolos, signos, sons, comidas, orixás, inquices e voduns. Herança que provoca um encantamento, pela fé, seus ritos e cultos...Seu universo rico, pulsante em





um grau de complexidade ímpar, que precisa ser perpetuado. Ainda há muito que se preocupar com a questão do “colonialismo” que impera na relação da cultura negra, com o enfrentamento das culturas europeias.

5. A BAIANA DENTRO DO ENREDO

Tia Nilda lida bem com a questão das baianas vestirem uma roupa que ajude a contar o enredo nos desfiles, e conta “antigamente era tabuleiro na cabeça, com fruta, mas há muitos anos atrás. Já foi! Agora é tudo modernizado (risos). Hoje em dia a baiana não sai mais fora do enredo, agora desfilamos todas dentro do enredo”.

Tia Jane diz que fica um pouco dividida, mas diz “ao mesmo tempo eu acho que tem que ter evolução.” Segundo ela, sabendo das mudanças estruturais do carnaval antigo para o carnaval de hoje, não dá para as baianas não acompanharem essas mudanças. “Eu acho que tem que evoluir, sim, acho que a roupa tem que ser mudada sim, as coisas têm que caminhar conforme o carnaval está caminhando. Porque mudou tudo, melhorou tudo! Então, acho que tem que caminhar junto”.

Para Tia Marilene, “Isso é normal! Está certo estar enquadrado dentro do enredo!”, no entanto, ela demonstra que há alguns limites para além das questões com relação a peso, como, por exemplo, o uso de uma roupa vazada, ela diz “a começar pelo fato de sermos senhoras, uma roupa vazada é mais pra assistas”.

Mas, uma questão importante é apresentada por Tia Sandra, que diz: “eu acho que os carnavalescos expõem as senhoras com uma fantasia que vai além do limite pra idade delas. Eles viajam em cima de uma coisa onde muitas vezes elas não têm condições nem estrutura pra conseguir carregar.





É muita informação, muito peso e muita coisa pra carregar em tão pouco tempo na avenida, além de ser trabalhosa pra vestir.”

6. O IMAGINÁRIO DAS BAIANAS

Sobre o imaginário em torno da baiana, Tia Sandra diz “Essa coisa de ‘mãe-baiana’, ‘mãe-do-samba” e de ser matriarca, está passando por uma revolução muito grande. Eu não estou vendo as escolas darem muita importância a isso, colocando as baianas nesse lugar. Eu sou uma das coordenadoras que batalho muito pra essa tradição se perpetuar, embora o direcionamento das escolas não seja muito solidário com o segmento das baianas. Poucas escolas permitem que as baianas sejam uma parte ativa na escola.” E pontua, “a velha-guarda é um pouco mais valorizada por que elas seguem seus próprios caminhos, suas próprias diretrizes. Acabam sendo uma ala à parte da escola. E a baiana é um segmento que está inserido dentro da escola, mas é um pouco deixado de lado”.

Tia Jane relata que “a baiana tem um valor. Mas acho que ela deveria ter muito mais. Eu não tenho o que reclamar da minha escola, mas acho que a baiana deveria ter muito valor. A presidente da ala, as pessoas que desfilam, as pessoas que ajudam...” e ratifica “não é valor, acho que é mais ajuda, mesmo. Acho que o nome não é valor. Porque valor eu acho que a diretoria dá, acho que os presidentes dão, mas acho que a baiana deveria ser olhada com um pouco mais de carinho.” Ela afirma que tenta promover isso, mas ela sente que “com relação à diretoria, aos vices, aos presidentes das escolas, as baianas mereciam ter um pouco mais de carinho com relação às senhoras, que estão sempre ali ajudando. Deveria ter alguma coisa a mais para ajudar as baianas, deveria ter mais um olhar!”. E, sobre o que uma





baiana simboliza para uma escola e para seus componentes, ela diz: “acho que simboliza uma mãe, uma pessoa que acolhe, uma pessoa que ajuda.” E nos conta “hoje tem ala, tem várias alas da comunidade, mas antigamente era só bateria, o casal, a baiana... E nos colocavam na roda, nos colocavam pra cantar..”, e conclui dizendo “pra mim baiana é mãe, é respeito, é a figura feminina de respeito como senhora. É a mãe!”

6.1. PARA AS ESCOLAS

Tia Nilda afirma que a baiana, dentro de uma escola de samba “É muito respeitada! É respeitada por todos! É igual a velha guarda! Baiana e velha guarda são o alicerce da escola!”.

Tia Sandra conta que “tem escolas que fazem questão de reverenciar as baianas nas apresentações, saídas, festas nas quadras, etc. Mas tem outras que não fazem menor questão de ter as baianas em seus grupos de show, suas apresentações, além de não respeitarem o que as baianas querem, não atenderem os pedidos delas. Baianas não dão muito ibope para a escola de samba!”.

Tia Marilene relata que ela sente que as baianas até são respeitadas, mas diz que não sente que são valorizadas por parte das escolas. Ela conta “muitas pessoas colocam as baianas por que tem que ter baiana para cumprir o regulamento, se não botar um certo número de baianas vai perder ponto”. E completa dizendo “as pessoas dizem que a baiana é o coração da escola, só que botam ele como um coração com problemas cardíacos, um coração com deficiência, apesar de ter tudo pra ser um coração saudável”. Há quem não priorize o lugar das baianas na escola e às vezes quer colocá-las pra desfilar em posições mais próximas do fim da





escola, sobre isso Tia Marilene diz “baiana tem que ficar mais ou menos entre o segundo e o terceiro carro”.

6.2. PARA OS COMPONENTES

Sobre o modo que os componentes das escolas enxergam as baianas, Tia Nilda nos conta “Ah, eles tomam bença! Chamam de ‘tia’, pedem pra tirar foto, eles têm o maior respeito. Eu não tenho nada o que falar deles não, nem as minhas baianas”.

Tia Sandra diz “geralmente elas são as tiazinhas que ficam lá na quadra e que alguns respeitam por causa da idade, mas, tem aqueles que acham que, por elas quererem ser reconhecidas, as veem como abusadas, como se elas quisessem aparecer!”. Mas, quanto aos integrantes da comunidade, ela afirma “eles têm mais afinidade com a gente”.

Mas Tia Marilene pondera que “os componentes, sim. Eles têm muito respeito às baianas, a não ser aqueles componentes que caem de paraquedas, que compram a roupa e já entram na avenida. Mas aqueles componentes que acompanham os ensaios na quadra e as baianas têm um grande respeito”. Ela diz que eles as veem como “a tia que socorre, a mãe, a avó. Precisando, eles vão na baiana e sabem que vão resolver”.

7. A RELAÇÃO COM O SAGRADO

Há que se mencionar, quanto à relação de zelo e bênção, no carnaval de hoje, o ritual da lavagem do Sambódromo, realizado há 10 anos por Baianas que desfilam de branco, comandadas por Maria Moura, que foi presidente da ala das baianas da Imperatriz Leopoldinense e é uma das grandes responsáveis pela resistência da cultura afro-religiosa no Rio de





Janeiro. Essa cerimônia de lavagem age como um resgate da tradição dos ranchos, que se não passassem em frente às casas de Tia Ciata e Tia Bibiana para que elas levassem seus caminhos, era como se não tivesse desfilado. Hoje as baianas levam, para avenida, folhas de arruda, defumador, água de cheiro, e vão lavando o caminho, interagindo com o público que lá está, dentro de um grande cortejo formado por baianas de todas as Escolas de Samba, como que em um resgate.

Tia Marilene afirma que as baianas “têm um grande poder de religiosidade. O povo sabe o respeito que a baiana tem pela religiosidade”. E argumenta “se você for procurar pelas escolas de samba e me disser que não vai encontrar muitas baianas que são zeladoras de santo, é mentira! Aqui na Grande Rio, mais de 50% das baianas que desfilam comigo são zeladoras. Quem não é zeladora é Eke di!” e conclui dizendo “tem sim uma relação muito forte com o sagrado”.

Sobre a religiosidade das mães baianas, Tia Nilda nos conta que a maioria de suas baianas são zeladoras de santo, tem barracão, ou pertencem às religiões de matriz africana. Além disso, ela comenta sobre o ritual de entrada das baianas na quadra da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel: “quando entramos na escola a gente vai reverenciar São Sebastião, que é o padroeiro da escola, e Nossa Senhora da Conceição. A gente pede licença pra entrar. Todo mundo tem muito respeito a religiosidade”.

Já Tia Jane traz uma contraposição dizendo: “eu acho que religião é uma coisa e escola de samba é outra, na minha opinião. Eu acho que a baiana é a baiana, a escola de samba é a escola de samba e o sagrado é o sagrado, onde cada uma prega sua religião, sua crença.” e conta “eu sou nascida no samba, criada no samba, minha família toda veio do samba. E, na minha





família, samba sempre foi cultura e continua sendo. Minha madrinha era de centro, minha mãe já era católica, cada um era de um jeito. E eu não sou nem católica nem espírita. Eu respeito, mas eu tenho a baiana como cultura, como mãe da escola de samba. Eu respeito muito à todas as pessoas que fazem parte das escolas de samba, cada uma com sua religião, mas a baiana, pra mim, não representa religiosidade não, pra mim ela representa o carnaval, ela é a mãe das escolas de samba”.

8. BENESES E SACRIFÍCIOS DE SER BAIANA

Para Tia Nilda, a parte boa de ser uma Baiana “é que a gente é muito ovacionada na avenida e em qualquer lugar que a gente vá. As baianas são muito respeitadas! As pessoas vêm de fora e, ao chegarem na quadra, querem tirar fotos com as baianas. Isso é muito carinho, muito respeito!”. E diz que a parte ruim de ser baiana se dá quando elas têm que desfilar com uma roupa pesada, que às sobrecarrega. “Quando a roupa vem muito pesada, fica difícil pras baianas evoluírem. Eu sempre peço ao carnavalesco pra fazer fantasias leves. É o que eu mais peço. Não dá pra gente colocar uma roupa pesada no corpo. Ninguém aguenta.” E nos conta que “a maioria das nossas baianas são idosas, muitas acima de 70 anos”, e defende que “a gente não pode colocar muitas baianas novinhas porque perde a identidade. Eu coloco uma ou outra. Senão não é Ala de Baianas”.

Tia Jane Carla nos diz que o lado bom de ser uma baiana no Rio de Janeiro hoje é “o desfile, o glamour”. Ela diz “você é baiana por que você gosta, por que tem prazer em desfilar com a fantasia de baiana, você tem um amor àquela escola” e relata “por que ser baiana é difícil, não é fácil não” e justifica “tem todo o calor, o peso, o mal estar, o tempo que se espera na





concentração, o sacrifício de ensaio, quando está próximo do carnaval. Já começam os eventos a partir de julho, aí quando chega em outubro é a final do samba, aí começam os ensaios, as baianas têm sempre que estar presente nas quadras” mas defende que “lado ruim não tem não”, a única coisa que consegue pontuar “é quando a roupa é muito pesada ou muito quente pra pessoa desfilar e muitas horas de espera pra desfilar” e termina dizendo “só é baiana quem gosta mesmo, por que é muito sacrifício”.

Já para Tia Marilene, “a parte boa e a parte ruim de ser baiana se misturam. Porque depois que usar uma roupa de baiana, é igual uma cachaça, você vai querer usar sempre. Eu tenho baiana que chega assim: ‘meu sonho é ser baiana’. E as pessoas questionam: ‘mas você tem um corpo ótimo para ser passista’. E a pessoa responde: ‘mas eu quero ser baiana, minha mãe foi baiana, minha avó foi baiana, eu gosto dessa roupa e eu quero desfilar aqui de baiana’. Então, é uma cachaça, que você se aborrece, nem tudo são flores, mas você quer sair de baiana”. Ela nos conta “às vezes você está com um arame na cabeça, que está incomodando, que está machucando, mas a pessoa quer usar aquilo e vai embora. É o prazer de desfilar passando na avenida”. E ela pontua, “a única desvantagem nossa, é que, na saída do desfile, muitas vezes as pessoas não respeitam muito. As pessoas que querem catar roupa, que quer pegar roupa pra vender, acaba atropelando as baianas, enfim. Esse é o único problema!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das entrevistas para este trabalho, foi possível perceber que há, nas baianas entrevistadas, um saudosismo por um tempo em que havia uma maior valorização à figura das tias baianas nas escolas de samba. Por





amor a escola e ao carnaval, elas demonstram se adequar às mudanças que as transformações da modernidade trouxeram para o festejo, mas buscam resguardar elementos que julgam que deveriam ser invioláveis.

É unânime a insatisfação nos casos em que os carnavalescos pensam fantasias que excedem suas limitações físicas devido a idade avançada. Há uma grande preocupação com o bem estar das senhoras baianas para que elas possam evoluir, rodar, dançar e representar suas escolas com graciosidade, elegância e beleza.

É possível notar em algumas delas uma certa insatisfação com o lugar que as escolas de samba reservam às baianas. Há uma demanda por mais carinho e mais atenção por parte dos dirigentes. E, quanto aos componentes das escolas, elas demonstram que boa parte sabe reconhecer e respeitar o lugar de uma baiana. Muitos as têm como tias, mães, avós, as tratam com carinho a reverenciam, mas também sinalizam que tem aqueles que não compreendem ou respeitam o significado que se tem em ocupar este lugar.

Com o tempo, é possível observar que, para ser baiana hoje em dia, não tem como pré-requisito a relação com o sagrado e com as religiões de matriz africanas. Há espaço para baianas como a Tia Jane Carla, que é presidente da ala da G.R.E.S. Portela e entende o Ser baiana como algo que independe da religiosidade de cada uma. Porém, é notório que a grande maioria das baianas do carnaval de hoje, são, sim, zeladoras de santo, donas de seus barracões, são ekedis ou têm de relação com as religiões afro-brasileiras.

Há um temor que as tradições se percam, que os elementos simbólicos deixem de estar presentes em seus trajes, que o olhar para das baianas se torne míope, que o espetáculo engula a tradição, os valores e os saberes que carregam consigo.





Sob uma perspectiva de quem pesquisa ala de baianas e vive do e no carnaval, a ala de baianas é o elo que liga a cultura carnavalesca de hoje, com a sua origem, com a sua matriz do samba. É o nosso elo de conexão com Tia Ciata, Tia Bibiana e com as mães baianas que são as nossas grandes matriarcas. Respeitar e valorizar as tias baianas, é respeitar e valorizar o samba, nossa cultura e nossas tradições.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago Acacio de; ROCHA, Natália de Andrade. **As Baianas no Carnaval Carioca: o corpo como construção e resistência**. Rio de Janeiro: Revista Dissertar N°34 V.1 ANO XVI, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.24119/16760867ed116296>>. Acesso em: 05 de Setembro de 2020.

DONATO, Maria Aparecida. **Mãe Baiana: corpo-linguagem um estudo sobre o mito na cultura do samba no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ofício das Baianas de Acarajé. Brasília**: Brasília Artes Gráficas, 2007. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_OficioBaianasAcaraje_m.pdf>. Acesso em 21 de Setembro de 2020.

PEGADO, Israel Antonio Sequeira. **A evolução do Carnaval Carioca: a festa popular que virou produto**. Pará: Universidade Federal do Pará, 2005.

RIO DE JANEIRO, **Decreto Rio N° 47245**. De 12 de Março de 2020. Disponível em: <http://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/60998DECRETO%20RIO%2047245_2020.pdf>. Acesso em: 23 de Setembro de 2020.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu Tempo é Agora**. São Paulo: Editora Oduduwa, 1993.





TODOROV, Tzvetan a, 1939-. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “**As tias baianas tomam conta do pedaço**: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro.” Estudos Históricos, Rio de Janeiro: 1990.

LIESA, Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. **Regulamento Específico Dos Desfiles Das Escolas De Samba Do Grupo Especial Da Liesa. Carnaval 2020**. Disponível em <<http://liesa.globo.com/downloads/carnaval/regulamento-2020.pdf>>. Acesso em 20 de Setembro de 2020.

